

A história do sapo barbudo

AUGUSTO NUNES

O engenheiro Leonel Brizola certamente aprendeu que uma reta é a menor distância entre dois pontos. O político Leonel Brizola vive tentando ensinar que a curva é sempre o caminho mais adequado — e que quanto mais sinuosa melhor. Lidas a olho nu, suas frases denunciam o velho estilo gauchesco: curtas e grossas, parecem ir direto ao centro da questão. Examinadas com lente de aumento, exibem reticências e entrelinhas que só os iniciados sabem decifrar.

(A chave desse código está numa das poucas frases que Brizola costuma pronunciar com sin-

ceridade: "Inimigos se comem feito mingau: pelas bordas". Inimigos, na particularíssima óptica brizolista, são todos aqueles a cujo pescoço não se ajusta o lenço vermelho incorporado à simbologia da seita. Devem ser devorados pelas bordas, assim, tanto a UDR de Ronaldo Caiado quanto o PT de Luiz Inácio Lula da Silva. Aos companheiros de estrada do PT recomenda-se vigiar permanentemente a beira do caminho. E tomar muito cuidado quando surgirem abismos que convidam ao empurrão definitivo.)

Talvez por desconhecer as manhas do parceiro, a cúpula do PT conseguiu captar entonações simpáticas nas palavras com que

Leonel Brizola simulou exortar o PDT a votar em Lula no segundo turno: "Não seria fascinante fazer as elites brasileiras engolir esse sapo barbudo?", perguntou o mestre a seus discípulos. Sapo barbudo não é, convenhamos, uma descrição animadora. Conceda-se que tal expressão seja apenas mais uma pérola do extravagante humor brizolista. Ainda assim, vale registrar que engolir sapos figura uma experiência frequentemente insuportável. Mesmo a pedido do chefe. E sobretudo quando o pedido parece pouco sincero.

Antes de chegar às gargantas das elites, afinal, o sapo terá de ser deglutido pelos próprios brizolistas. Nenhum deles poderá ser

censurado em caso de aguda rejeição — até porque não é fácil dispor-se a sacrifícios do gênero quando, de acordo com previsões do próprio Brizola, a derrota inevitável se desenha no horizonte. Esse prognóstico sublinha a teoria segundo a qual só a dupla renúncia de Brizola e Lula, seguida do apoio de ambos ao senador Mário Covas, impediria a vitória de Fernando Collor no duelo final.

"Eu e o Lula não temos chances de vencer aquele filhote da ditadura", argumentou Brizola. Como o chefe do PDT está fora da disputa, o vaticínio é aplicável somente a Lula. Com aliados assim, o candidato do PT poderá tornar dispensável a mobilização dos adversários.